

A UNIVERSIDADE TAMBÉM É DELAS

Dar conta dos cuidados com os filhos e manter os estudos em dia certamente não é fácil. Além do cansaço físico, a carga mental também pesa. Então, ter uma rede de apoio faz toda a diferença. Pensando nisso, o Coletivo de Mães da Universidade de Brasília (CMUnB) se reuniu com o fim de garantir que mães estudantes fossem acolhidas, para que pudessem seguir com a maternidade e também continuar com a formação.

O grupo nasceu em 2016, como uma comunidade de WhatsApp. Expandiu-se e, em 2020, decidiu-se organizar e formalizar demandas para exigí-las institucionalmente. Cada membro tem poder de voz e voto, com responsabilidades divididas segundo a disponibilidade de cada uma. Hoje, 186 mães fazem parte da iniciativa, na qual 20 são encarregadas da organização.

A recepção da ideia foi tão boa que, após reunião com a reitoria da universidade, o coletivo foi incluído nas discussões institucionais sobre mães. Agora, em diálogo com a Secretaria de Direitos Humanos e com a Coordenação dos Direitos da Mulher, há tratativas para institucionalizar essa participação e expandir o atendimento realizado para docentes e servidores.

O CMUnB disponibiliza diversas formas de apoio às integrantes, com oferta de cuidados às crianças das participantes e vaquinhas para adquirir itens necessários ao cuidado dos pequenos e das mães. Também estão em articulação as rodas terapêuticas, semelhantes a terapias em grupo. Os encontros devem começar em breve.

Para ser atendida pelo grupo, basta procurá-la no Instagram pelo @coletivomaesunb. Lá, encontra-se o link do grupo de WhatsApp do coletivo. É só entrar e se voluntariar!

Por conta da vivência de sala de aula, onde lida com alunos de 4 a 5 anos, a educadora, e uma das idealizadoras do projeto, viu a necessidade de uma iniciativa voltada à inclusão. “Percebemos que algumas crianças não aceitavam professores negros, repetiam ditados que traziam algum preconceito ou não queriam brincar com uma criança negra.”

Com muita pesquisa e envolvimento da escola inteira no projeto, a ação ganhou notoriedade. Esse reconhecimento veio na forma de um prêmio concedido pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) a instituições que promovem ações voltadas à equidade racial e de gênero.

Em vista disso, os próximos passos visam expandir o projeto, levar outras escolas da região para conhecer a proposta, durante uma aula que ocorrerá no Centrinho. Para a educadora, a estrutura do projeto é tão complexa quanto a urgência de dar relevância à temática abordada, tendo em vista uma crescente em casos de violência racial.

“Cada vez mais, percebemos que o racismo estrutural nos permeia, e os racistas estão se mostrando. Ao mesmo tempo que há um movimento dizendo que não é só ‘mimimi’ e precisamos ter representatividade, outros querem destruir o que foi conquistado. É necessário que a sociedade abrace isso e que todas as pessoas que acreditam num mundo melhor participem, inclusive na educação”, avalia.

Engajamento materno

Além da dedicação à causa, Francineia prioriza a convivência com as filhas. Assim, grande parte do esforço é conciliar as duas rotinas, procurando dar às pequenas educação que as engaje. “Não é fácil levar a maternidade com leveza e seriedade e, juntamente, lidar com esse trabalho. Acredito que, pela questão antirracista, posso deixar algo para as minhas filhas, e deixo claro que é algo que gosto de fazer”, esclarece.

Ao mesmo tempo, a professora vê que essa é uma forma que mães podem mostrar aos filhos a importância dessas causas. Para ela, essa foi uma oportunidade de fazer com que as pequenas Manuela e Milena conhecessem, desde cedo, a própria história e ganhassem consciência desse aspecto de sua vivência. “Tenho filhas negras, percebo que elas precisam ter entendimento da história que carregam, toda a força que elas têm como pessoas e toda a coragem que o povo negro tem no mundo. É isso que quero passar para elas: toda essa potência e alegria de viver do povo afro-brasileiro”, explica.

“Acredito que, pela questão antirracista, posso deixar algo para as minhas filhas”

Francineia Silva,

professora e idealizadora do projeto Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena

MULHERES FORTALECIDAS

Os motivos que levam muitas mães a se engajarem em projetos e causas são bastante individuais e podem ou não ser atravessados pela maternidade. Parece óbvio, mas é importante sempre reforçar que cada mulher, antes de ser mãe, tem sua história de vida — seu corpo, suas experiências, suas ideias e suas crenças —, que pode influenciar tal mobilização. Às vezes, as demandas são compartilhadas entre elas e os filhos, abrindo, inclusive, a possibilidade de fortalecimento dessa relação.

Ademais, a psicóloga perinatal Stephanie Veloso lembra que muitas mulheres encontram em seus posicionamentos uma maneira de ultrapassar momentos difíceis. Ou seja, elas compreendem que não conseguem mudar a situação, mas têm a liberdade de escolher como irão se posicionar diante dos acontecimentos. E, dessa forma, podem dar outros significados para as experiências e se fortalecerem à medida que buscam um sentido.

E é possível encontrar sentido mesmo em meio ao sofrimento, como ocorre no caso de mães enlutadas. O engajamento e a luta de mulheres após a perda de seus filhos são uma das possibilidades, dado que o contato e a união com outras mães promovem momentos de trocas, socialização e afeto. “Essa atitude não tem potencial apenas de reafirmar o amor por eles, mas também de ser uma forma de encontrar razão para continuar seguindo”, explica a especialista.